

## A Quem a democracia Liberal quer destruir?

A democracia liberal que vivemos hoje, não somente no Brasil, mas também em diversos países desenvolvidos, é a manifestação política de um sistema de governo que também possui expressão no campo econômico, jurídico e filosófico, conhecido por tecnocracia.

Na política, trata-se de um sistema de governo com longa gestação na história e que tem por objetivo construir uma sociedade e economia planejadas e artificiais, onde a distribuição internacional do trabalho e dos recursos da terra seriam administrados por três pilares fundamentais, a saber:

1. Um comitê jurídico

2. Um comitê econômico

3. Um comitê de cientistas

Assim, a tecnocracia determina a formação de uma nova classe dirigente que controla todos os recursos da nação (e da terra). Uma casta que, direta ou indiretamente, possui os meios de produção.

Engana-se quem pensa que a tecnocracia veio, única e exclusivamente, como uma resposta à crise de 1929. A Grande Depressão, que não apenas destruiu a economia mundial, mas também retirou qualquer esperança do povo na política e no capitalismo em si, acabou criando um espaço onde a sociedade poderia ser reconstruída pela "revolução gerencial" (nos termos de James Burnham), tendo colocado, assim, nas engrenagens mais importantes dos governos, afiliados técnicos e especialistas das mais diversas cepas.

Inegável que trata-se de um movimento político tão real que se espalhou, não apenas como ideia, mas como projeto de poder efetivo, como percebemos no famoso caso do MOVIMENTO SINÁRQUICO REVOLUCIONÁRIO, em plena república de Vichy. Suas estratégias e objetivos foram denunciadas em um periódico chamado l'Appel, no artigo assinado pelo então jornalista Jean Mamy, e cujo o mais declarado propósito era a invasão nas esferas de governo e a captura do Estado para a formação do Politburo tecnocrata, dividido em um comitê jurídico, um econômico e outro cientificista.

Sua outra vertente, a econômica, tem raízes nos fisiocratas franceses, como Quesnay, cuja visão era que OS COMERCIANTES DE TODAS AS NAÇÕES FORMAVAM uma república comercial. Que delícia esse suco de globalismo, não é mesmo? Quesnay foi quem plantou a semente da constituição global econômica que levaria ao neoliberalismo e suas ações culminaram no esvaziamento da soberania dos países, assim como gerou a desconfiança do próprio conceito de **Estado-Nação**. É fundamental para compreendermos o efeito da chamada democracia liberal, observar que Quesnay definia a economia cosmopolítica como uma CIÊNCIA que ensina como a raça humana pode atingir a prosperidade em contraponto à definição de economia política que busca entender como Nações podem atingir a prosperidade.

E é nesse ponto que reside a mais importante das origens da tecnocracia como meio de governo e premissa para uma sociedade. A base da sociedade tecnocrata é a utopia humanista, que desconsidera comunidades autônomas, como as famílias, a igreja e os valores morais transcendentais que limitam o desejo do homem.

O liberal tecnocrata parte do princípio da autorrealização humana completa, que justifica, no limite, desde o transativismo queer, até o jogo do tigrinho - passando também pela livre negociação comercial de órgãos humanos.

Não por menos, a falência da sociedade e da democracia que vemos diariamente em todos os lugares, se justifica a partir do declínio e esvaziamento dessas comunidades autônomas, ou instituições naturais, como família e a igreja em benefício da autorrealização do EU.

Em sua vertente filosófica, que originou as demais, a democracia liberal é sustentada pelo positivismo, essa visão tecnicista do mundo cujo pai foi Henri de Saint Simon.



Porém, Saint Simon não pretendia apenas criar um pensamento filosófico ou montar de forma artificial a sociedade. Era necessário criar um novo humanismo, uma nova religião.

Em 1825, o filósofo escreveu em seu livro, "New Cristianity": "Agora que o tamanho do planeta é conhecido, deveríamos fazer cientistas, artistas e industriais desenharem um plano geral de empresas para fazer o domínio da raça humana tão produtivo e agradável como possível em todos os aspectos".

Por óbvio que a corrente positivista ou tecnicista iria se expandir para o campo jurídico, criando o positivismo jurídico de Kelsen, que, não fossem os problemas enfrentados na Alemanha nazista, talvez não tivesse sido reformulado ou modificado tão rapidamente na história.

A versão "evolutiva" jurídica se deu temperada com um humanismo modificado, cuja isca para incautos de boa fé é o conceito iluminista de direitos humanos que, na prática, são usados para retirar direitos dos cidadãos e impor a visão tecnocrata do homem que evolui até o final da história. Esse pensamento único que explica a obsessão de juristas do mundo inteiro, incluindo da nossa Corte Excelsa, para "empurrar a história" - Deus sabe lá pra onde.

Nos EUA essa Doutrina Formal Humanista (que nada tem de humanitária), foi catapultada pela AMERICAN ETHICAL UNION, cujo Braço LEGAL era a American Civil Liberties Union, que redigiu o Humanist Manifesto I, em 1933. Posteriormente, em 1973, redigiu também o Humanist Manifesto II e o Humanist Manifesto III, em 2003. O ponto principal desses manifestos é simplesmente transformar a toda a Humanidade.

Pois bem, essas são as expressões de uma democracia liberal que, já sabemos, é totalitária tanto no campo econômico, político, jurídico quanto no filosófico. Agora, se ela busca implantar um novo humanismo utópico, contra qual cosmovisão ela se opõe? Quem seria seu mais duro adversário?

A realidade é que a oposição total a esse movimento político só pode ser encontrada na cosmovisão cristã. Isso é tão claro que os tecnocratas que capturaram o Estado aceitam a influência de qualquer movimento religioso no tecido social e em políticas de Estado. O único que não é aceito de jeito nenhum é o cristianismo, que é chamado de fundamentalismo cristão ou, nas palavras do ministro Barroso, de "cristianismo do mal" no Brasil.

Ora, essa oposição ferrenha não é por acaso, afinal, o direito natural - que vem da COSMOVISÃO CRISTÃ - foi o que combateu todas as formas de positivismo e de engenharia social construtivista e foi também o que inspirou as Revoluções Atlânticas, desde a revolução inglesa à revolução norte-americana, além de ainda impor moderações dentro da revolução francesa.

Que perigo para um sistema que busca impor ao povo sua visão totalitária a partir de um novo homem transformado, não é mesmo?

O banimento da direita através de um sistema jurídico neoconstitucionalista vazio, que vemos na Alemanha e no discurso de progressistas em vários países (inclusive aqui no Brasil), representa não apenas o uso de um sistema jurídico liberal para impor uma única visão, mas um aquecimento para a verdadeira perseguição que se aproxima, contra toda e qualquer expressão social da cosmovisão cristã.

